DOI: <http://dx.doi.org/10.17793/rdd.v4i7.812>

4. VIVER A VIDA PARA MORRER A MORTE

(sobre A Morte de Ivan Ilitch)

4. LIVING LIFE TO DIE THE DEATH

(About the Death of Ivan Ilyich)

Ana Luiza Julio¹

Resumo: O presente artigo é baseado no texto – novela de Leon Tolstói referente ao parco sentido de vida vivida por um juiz e sua família, até que, na eminência de proximidade da morte, ele resolve buscar-lhe o sentido, para além das suas relações de poder com que ele se satisfizera até então. É um excelente tratado sobre a ilusão dos sentidos quando se valoriza o status sócio-econômico classe mediano, em detrimento a valores de ordem existencial, que possam superar a dimensão existencial.

Palavras-chave: relações de poder; sentido de vida; morte;

Abstract: This article is based on the text - Leo Tolstoy's novel referring to the sparing sense of life lived by a judge and his family, until, in the vicinity of eminence of death, he decides to seek its meaning, in addition to its relations power with which he had been satisfied so far. It is an excellent treatise on the illusion of the senses when you value the socio-economic status median class, at the expense of the existential values that can overcome the existential dimension.

Keywords: power relations; sense of life; death;

INTRODUÇÃO

Deseja-se iniciar este artigo sobre o texto de Leon Tolstói intitulado “A morte de Ivan Ilith”, justamente fazendo esta consideração sobre a necessidade de viver a vida, condição primordial para então a morte poder ser vivida ou, na sua máxima, poder ser morrida.

Freud (1915) ao inaugurar a psicanálise aponta-nos para dois grandes instintos a nos dominar ao longo do percurso da vida, qual sejam, o instinto de vida (*eros*), propriamente dito, e o instinto de morte (*thanatos*). Ao trabalhar sobre estes dois instintos,

¹ Julio, Ana Luiza é Doutora em Psicologia, Mestre em Educação e Especialista em Psicologia Clínica. Psicóloga Técnica da SPM/CRMVAM /RS – Secretaria de Política para as Mulheres do RGS – Centro de Referência da Mulher, Vânia Araújo Machado. É Professora da Faculdade de Educação (FECED) – UFRGS. E-mail: a-julio@hotmail.com.

diz o autor da psicanálise, que instintos são a força propulsora da vida, incluindo portanto, no instinto de vida, o *eros*, tudo aquilo que vem a preservar a vida mesma, qual seja: a fome, razão que nos conduz a nos alimentarmos; a respiração, que nos faz buscar o ar, fonte universal da vida; e o sexo, preservação da vida enquanto espécie e fonte biológica de prazeres físicos e psicológico. Trata-se, portanto, enquanto instinto de vida, de movimentos ou ações, que conduzem o sujeito à preservação da vida em si. O instinto de vida tem o nome de *eros*, mais comumente conhecido como amor; provém da mitologia, referindo-se ao deus do amor. Isto nos faz pensar que preservar a vida é ter amor por ela, é propor amor ou ainda, implementar o amor à vida. A questão aqui talvez seja mais complexa e nos proponha pensar em: “o que vem a ser amor?”

2. A PARTIR DA MORTE: FREUD E THANATOS

Antes disto, porém vamos falar do segundo instinto proposto por Freud: *Thanatos*. Este que inicialmente pode parecer ser contrário à vida, por referir-se à morte, à finitude, ao término da vida propriamente dito. E, neste sentido, fica evidente não ser contrário à vida, e sim, apenas um de seus vértices. Mas porque que Freud, ao construir a psicanálise que nos fala na pulsão de vida, fala-nos da libido, ou seja, da força motriz, aponta-nos como um segundo instinto humano, este instinto de morte? Possivelmente porque, como se afirmou acima, por ser o inevitável destino de toda a experiência humana, mais até que a humana, pois destino de tudo o que é vivo que passa pelo nascimento, desenvolvimento, e morte, no seu percurso normal.

Na tentativa de responder a tais questões, recorre-se agora a Tolstói, que, já em 1882 escreve este admirável texto sobre vida e morte. Ou seria sobre morte? Ou, ainda, sobre a vida da morte? O fato é que, contemporâneo de Freud, Tolstói escreve este tratado, por assim dizer, do que é a vida e de como aproxima-nos da morte. Viver, já disse alguém, é morrer a cada dia. Contudo, é preciso que tenhamos sabedoria para viver a proximidade da morte, sem morre-la antes do tempo.

Ainda que muitas teorias filosóficas recusem-se em aceitar o determinismo como pressuposto da condição da vida humana, a morte se nos apresenta como o grande determinismo da vida. Dela ninguém foge definitivamente. A cada dia mais e mais se consegue uma postergação da vida; um adiamento da morte, por assim dizer, mas não mais

do que este adiamento. A morte um dia, há que chegar para todo o vivente, marcando esta como nossa única e certa condição de vida.

Tem feito parte da história da humanidade, ludibriar a morte, retardando-a através das mais variadas ações, como cirurgias plásticas, para manter o corpo jovem; ginásticas e vários tipos de práticas desportivas com o objetivo primordial de manter o corpo “sarado”, sadio ou jovial. E, para quê? Ora, quando pensamos no percurso da vida, vemos o nascimento, a infância, a juventude, a adultez a velhice e, por fim, a chegada da morte como o caminho de início e fim. Parece, entretanto, que os humanos se apegam e esta condição de vida terrena de tal maneira que compreende que deva aqui na terra permanecer. Ao evitar, por adiamento, a chegada da velhice, enrola-se, por assim dizer, a chegada da morte. Daí que, em quase todas as esquinas se vê todo o tipo de oferta de postergação, através das academias, para nos mantermos em forma. A vida atlética toma conta da vida social. Leia-se “em forma”: inteiro ou ainda, jovial. E, nesta categoria jovial, encontram-se os jovens, os adultos e, algumas vezes, pessoas que poderiam enquadrar-se na velhice mas que, por insistência, recusam-se em aceitar a velhice como consequência da vida, talvez não por ela propriamente dita, mas pela consequente aproximação da morte.

Mas não paramos aí. Há toda uma série de cirurgias plásticas para redução, para aumento, para reposição, para retirada, enfim, para transformar o corpo, no intuito de manter uma vida jovial, ainda que plasticizada. E tem também uma série de alimentos e outra de medicamentos cujo objetivo não é outro senão o de também manter estas vidas, eternamente jovens. São então alimentos que reduzem isto ou aquilo, que acabam com radicais livres; que, enfim, corroboram com a ideia máxima da juventude eterna.

E qual a relação desta condição contemporânea de preservação da vida eternamente jovem com o texto de Tolstói ? Para introduzir esta relação cito o neopsicanalista Erik Erikson (1976) em sua teoria sobre as oito idades do homem. Nela, Erikson refere-se na oitava idade, nomeada de Integridade de ego versus desesperança, dizendo que :

“ ...é um amor pós-narcísista do ego humano – não do eu –
como uma experiência
que transmite uma certa ordem e sentido espiritual do
mundo, não importa o que
isto tenha custado. é a aceitação do próprio e único ciclo
de vida com alguma coisa
que tinha que ter e que, necessariamente, não
admitia substituições:
significa assim um novo , um diferente amor [em relação
aos próprios pais]. embora
ciente da relatividade dos diversos estilos de vida que
deram significação ao esforço

humano o possuidor de integridade está preparado para
defender a dignidade de seu
próprio estilo de vida contra todas as ameaças físicas e
econômicas(...) o estilo de
integridade desenvolvido por sua cultura ou civilização se
torna assim, o patrimônio de sua
alma, o selo sua paternidade de si mesmo. nesta
consolidação final, a morte perde seu
carater pungente”
(pág. 247)

Erikson segue dizendo sobre a velhice e morte que:

“ a falta ou a perda desta integração acumula no ego é
simbolizada no temor da morte: o único ciclo de vida não é aceito como o
limite extremo da vida. A desesperança exprime o sentimento de que o
tempo já é curto, demasiado curto para a tentativa de começar outra vida e
para experimentar rotas alternativas para a integridade. O descontentamento
de si mesmo oculta a desesperança, ainda que quase sempre na forma de
mil pequenos desgostos, que não valem um pequeno remorso (Erikson,
1976, pág. 248)”.

Portanto Erik Erikson nos aponta que a verdadeira aceitação da vida, implica na
aceitação da morte, como condição de sua completude. E que, então, o medo da morte, a
não aceitação da morte, é um jeito narcísico de prender-se à vida.

Este é o ponto de conexão com Ivan Ilitch, que, na condição de magistrado,
profissão que assume no texto, pretendeu magistrar sua vida, encantando-a numa
eternização impossível. Ivan Ilitch não pôde reconhecer a fragilidade da vida, e, em não
fazendo-o, perdeu-a. Tolstói é brilhante ao atribuir-lhe a condição existencial profissional
de magistrado, pois isto coloca Ivan em um lugar de muito poder, o qual é confundido por
vezes, com algo um tanto divinal, de semi-deus, talvez.

A história de Ivan Ilitch é relativamente simples. Observe-se: Ivan é um homem
jovem, dotado de uma boa qualidade intelectual e que facilmente travou bons
relacionamentos na instituição em que ingressou. Ora, um homem jovem e inteligente tem
bastante espaço social e portanto, a carreira meteórica traçada por Ivan foi nada mais do
que o esperado para um sujeito em tal posição. Ingressou cedo no mercado de trabalho, em
uma instituição da justiça, a qual o remunerou muito bem, concedendo-lhe os aumentos
salariais solicitados.

Rapidamente encontrou a mulher que preencheu suas opções e logo desposou-a,
constituindo rapidamente, sua família.

Eis a perfeição posta: homem jovem, inteligente, bem relacionado socialmente, com uma bela carreira na justiça a ser desenvolvida; escolhe uma jovem e bela mulher para desposar e construir família. O casal aceita iniciar a vida matrimonial e familiar numa cidade do interior, como pré-condição para, mais adiante, tomar posse em algum lugar melhor, provavelmente na cidade capital. Projetos e objetivos de vida traçados e um homem, uma mulher e um casal de filhos para realizar o sonho. Tudo certo, tudo organizado. É a vida em sua plenitude, até que, como diz no ato matrimonial católico, até que morte os separe.

Antes desta dita plenitude, isto é, do profissional estabilizado, com família em desenvolvimento, porém, Ivan Ilitch já se sabia enquanto um homem de poder. Veja a seguinte expressão textual: “Mas, agora, na qualidade de juiz de instrução Ivan Ilitch sabia que todos, sem exceção, mesmo os mais poderosos e emproados, dependiam dele e bastava que escrevesse umas poucas linhas num papel timbrado para que o personagem mais importante e mais autossuficiente comparecesse à sua presença como acusado ou como testemunha e, se não quisesse que ele se sentasse, ficaria de pé, suportando a sua arguição” (Tolstói: 2014, p. 24). Não restam dúvidas: ele tinha muito poder. E, nesta lógica de poderoso, Ivan busca uma companheira e forja com ela uma espécie de vida que descrita como “uma perfeita imitação [de como os que tem poder e prestígio social vivem], mas ele a achava absolutamente original” (Tolstói: 2014, p. 33).

Ivan constrói uma vida remediada, tal qual todas as pessoas de igual padrão socioeconômico que ele. No entanto, ele acredita estar fazendo algo como nunca fora feito. E vai organizando sua vida, sua família e sua casa, até o ponto em que toma-se de intenso tédio, “quando não havia nada mais para arrumar...”

Ivan arruma a casa, arruma a família, arruma, arruma, mas não cuida da vida. Descuida-se da saúde, na sua mais ampla dimensão, porque desatenta-se para o que mais, de fato, importa na vida: pessoas e sentimentos. Assim é que as pessoas na vida de Ivan parecem terem sentido apenas para enfatizar-lhe o lugar de poder que ocupava. Não aparece uma qualidade de humano, de gente, de coisas próprias da vida regada por prazeres e desprazeres, por momentos de felicidade e outros de menor felicidade, enfim, de uma vida recheada com os sabores da experiência humana. A vida de Ivan e sua família pode ser descrita como burocrática. Parece até que Ivan nasceu, bateu o ponto da relação trabalhista, ganhou dinheiro e morreu. Assim poderia ser descrito e resumo desta história que nos mostra o caminho de uma vida vivida burocraticamente.

A vida social é parca, representada por alguns eventos sociais em que Ivan comparece e seu prazer é descrito através de um jogo “uiste”. E este jogo é descrito como um dos maiores prazeres de Ivan:

“a alegria que ivan ilith encontrava no trabalho era a alegria da ambição mas as verdadeiras alegria eram proporcionadas pelo uísque. Confessa que acontecesse o que acontecesse, fossem quais fossem os seus dissabores, a alegria que vinha como um raio de luz, tudo fazendo olvidar, era se sentar a uma mesa de uiste com quatro bons parceiros seguros e silenciosos (com cinco é enfadonho, pois um tem de ficar de fora, mesmo que diga o contrário), jogar uma partida movimentada e inteligente (quando as cartas vem boas) , e depois cear um bom copo de vinho. após um jogo de uiste, especialmente quando ganhava um pouco (ganhar demais é deselegante) , ivan ilitch ia para a cama com o melhor humor possível” (Tolstói: 2014, p. 36)

Este trecho descreve portanto, uma das mais intensas atividades de prazer deste homem, que tinha, além do trabalho, do jogo e de um círculo social muito bem escolhido, uma vida em que “ tudo ia bem, sem alterações, agradavelmente” (Tolstói: 2014, p. 37).

A partir desta parte no texto, que diga-se de passagem, trata-se de exatamente da metade do texto, composto por 75 páginas, Ivan Ilitch passa a descrever um mal-estar que lhe acomete, representado por um gosto desagradável que lhe vem à boca, e uma certa sensação incômoda no lado esquerdo do ventre.

Ivan procura um médico [famoso] que lhe trata da mesma maneira com que ele agia no tribunal: “a longa espera, o ar doutoral tão seu conhecido, pois era o ar que gastava no tribunal, a percurssão, a auscultação, as perguntas de praxe, que pediam respostas formuladas de antemão e perfeitamente inúteis e a importância com que dava a entender: basta que se submeta a nós e tudo resolveremos - sabemos muito bem como se resolvem estes casos, sempre da mesma maneira para qualquer paciente. Exatamente como no tribunal. Assim como representava uma farsa diante dos acusados, o famoso médico representava para ele” (Tolstói: 2014, p. 38).

Desta feita, Ivan, até então o mais poderoso de todos, enfrenta, na própria pele, o exercício da relação de poder, onde, contrariamente ao que viveu até então, o poder não mais seu, mas exercido sobre sua vida e, mais do que sobre sua vida, apontando-lhe o caminho da morte.

Então, para Ivan, o poder que sempre exercera, apresenta-se para ele, na mesma intensidade em que agira com as pessoas que, porventura, necessitassem de sua intervenção. Ivan, até então quase um semi-deus, agora recebia a intervenção de um outro

semi-deus, que, no entanto, pareceu-lhe superior a si, posto que ditou-lhe o poder sobre vida e morte.

O mais rico de toda a história protagonizada por Ivan Ilitch é que, ele que sentia-se tão poderoso, tão senhor de si, tão pleno em decisões, demonstra uma fragilidade tão imensa diante da possibilidade de ter saúde e vida. Bastou-lhe apenas uma pequena queda, uma quase imperceptível contusão e, pronto, inicia-se ali mesmo o caminho de seu declínio, não profissional, não familiar, mas de sua saúde e, conseqüentemente, de sua vida. Dali para frente, ainda que aparentemente estava desenvolvendo-se social, profissional, familiar e enfim, ainda que parece-se estar na plenitude da construção de sua vida e história, Ivan Ilitch estava, isto sim, em queda livre, por assim dizer, pois, dia a dia, mais e mais a vida se lhe esvaía, ainda que não o soubesse e considerasse que ainda tinha apenas tido uma pequena queda.

Pode-se dizer que este é o cerne da história de Ivan Ilitch, que, tal como todo e qualquer mortal, é frágil diante da morte.

Assim ainda que se soubesse poderoso, algumas vezes até tendendo a arbitrariedades, no intuito do exercício do poder, Ivan nunca passou de um mortal, tal qual todos os outros mortais, e que, portanto, todo o suposto poder o qual supounha exercer, nada mais era do que uma falsa ideia que tinha diante da vida, da sua vida e da vida de todos aqueles que lhe cercavam.

Ivan Ilitch, em sua queda, descobre não apenas a fragilidade da vida, da sua vida, como também desvenda a fragilidade das relações humanas. Depara-se, portanto, com a falsidade das relações interpessoais que ele trava ao longo de sua vida, seja no seio da sua família, seja no ambiente social que frequentava, seja nas relações socio-profissionais e, até mesmo, nas relações médico-paciente, que trava com seu próprio médico quando busca a cura para si.

Ivan viveu, no leito de morte, o que muitos pacientes experienciam quando nesta situação: a ação dos cuidados paliativos, que visam a superação das dores, mais do que assegurar a continuidade de uma vida que se esvai. Tais cuidados se fazem necessários, uma vez que, quando a medicina e os cuidados médicos reconhecem que não há mais nada a fazer diante de uma vida com seu término previsto, o possível e requerível é que estes momentos finais, seja lá o tempo que esta finalização perdure, sejam de menor sofrimento físico e psicológico possível.

É o tempo de despedida, do despreendimento da própria vida. Tempo difícil, não há dúvidas, principalmente porque essa pessoa, no leito mortal, além de ter como tarefa a despedida da sua própria vida, precisa lidar com o sentimento das pessoas que a cercam. Neste momento, Ivan finda por descobrir que seu estado “atormenta aos seus” e, que, ainda que possam lamentar-se pelo fim e pela perda, eles estarão melhor depois de concluída a morte.

Ao aceitar tal momento, ao compadecer-se diante da inevitável morte, descobre que também esta passa. Que a morte é um instante e que ela também, como todas as outras coisas que teve em vida, passa.

Morrer? Inevitável. O melhor a fazer? Aceitar o inevitável, tornando a conclusão da vida, o fechamento da vida, a chegada da morte, o menos cruel possível. É que poucos são os viventes que pensam, questionam e que filosofam sobre este tempo que há de chegar um dia. Ao ler A morte de Ivan Ilitch, pensar sobre a morte torna-se inevitável. Então, concluo que tal qual a dor do parto, a dor da partida também se faz presente em nossas vidas. Ela tende a ser muito intensa quando nos pega de surpresa, quando por acidente ou quando se acerca de alguém muito jovem e que teria, por assim dizer, toda uma vida pela frente. Tende a ser melhor aceita, quando se achega a alguém de um idade avançada e que, aos nossos entendimentos, já tenha vivido um bom tempo nestas terras. Contudo, precisamos perceber a fragilidade da vida e que, por mais que alguém possa sentir-se poderoso em vida, o verdadeiro poder que há, é da própria vida, é a vida em essência e dimensão.

Comungo com Erik Erikson (1976) quando ele postula seu diagrama epigenético dizendo que a confiança básica na vida, que um recém nascido passa a desenvolver diante da vida, está intrinsecamente ligado à possibilidade da intergridadde de ego, em que chega uma pessoa lá na ponta conclusiva do ciclo vital, aos 80 ou 90 anos. Para Erikson, integridade de ego é real, porque foi consolidada diante de todo o transcurso da vida que são conquistas alcançadas nos determinados processos pelos quais passamos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferente do postulado por Ivan Ilitch em sua vida possessiva, e concluindo o dito inicial, amar a vida talvez seja apenas compreender e aceitar a vida na sua dimensão humana, aceitando os limites humano e a condição humana, temporária da existência. Tolstói nos propõe averiguarmos o quanto somos limitados em nossa dimensão humana.

Que, por mais poderoso que um ser suponha-se, ele está limitado a relação temporal, que nos aponta que ela é finita. E mais do que finita, a vida é de uma delicadeza e requer um cuidado tal, que nem os mais audazes poderes pode com ela.

Tolstói nos mostra o quanto a vida é maior que o maior poder humano. Que não há humano que possa com ela, se ele agir de forma diferente ao que ela requer, qual seja, cuidado. Cuidado que não tem custo financeiro, necessariamente, mas que tem, sobretudo, atenção, trato, habilidade humana, como pressuposto principal.

Tolstói aponta que o mais elevado que possa haver entre os humanos é justamente esta possibilidade de lidar com atenção e estima com a vida mesma. Que detratá-la, que menosprezá-la, que lidar com ela com menos zelo, é jogá-la fora, e que, diante disto, nada há que ser feito, a não ser sucumbir a falência de própria vida, por pleno descuido. Foi isto que Ivan Ilitch, a despeito de se saber como um homem poderoso, fez com a própria vida. Ao descuidar-se dela, entregou-se à própria morte e, só aí, apenas diante da eminência desta morte é que pôde aperceber-se o quanto significativo era poder viver. Ivan, Ilitch, tarde demais descobriu que como diz Caetano Velsoso: a vida é real e de viés.

REFERÊNCIAS

ERIKSON, E. Infância e Sociedade . Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1976.

FREUD, S. Os instintos e suas vicissitudes (1915) – Edição Standart Brasileira das Obras Completas de Sigmundo Freud – Vol XIV.

OSÓRIO L.C. Evolução psíquica de crianças e adolescentes . Aspectos normais e patológicos. Editora Movimento, 1975

TOLSTÓI. L. A morte de Ivan Ilithc – Rio de Janeiro . Nova Fronteira, 2013

(Artigo submetido em 12/12/2014 e aceito em 30/12/2014)